

S. Paulo, 2,9,1904

Rangel:

Já te deve estar assustando a minha negra ingratidão: quasi um mês sem carta! É que me vieram atribulações. Mudança de casa, uma ida ao Rio e outra a S. Vicente com o Lino; e por cima disso tudo uma espessa nuvem de desanimo e horror á pena. Mas o sal marinho restituiu-me o equilibrio e pus-me a escrever a todos os amigos.

Muito nos lembramos de você lá em Santos, e verificamos o bom descritivo da tua viagem ao Guarujá. Os buracos de caranguejos na lama preta do mangue, o homem do escarro no trem, a barca. O meu plano era ir a Guarujá a pé, como fizeste, mas o Lino e o Sancho Pança que ha em mim não concordaram. Minha irmã mostrou-me hoje o teu “postal”. É a mania de agora. Ha quem deite no correio vinte, trinta “postais” por dia, com “pensamentos”. Circulam muitos retratos de Lina Cavallieri, da Bela Otero e da Cleo de Mérode, amante do rei Leopoldo da Belgica, um insigne tranca realengo.

O mundo está se amaricando, Rangel. Até o Tito_ tradicionalmente sensato_ afundou no “postal” da politicagem academica e nos enche os ouvidos com historias: “Porque o Vergueiro...”, “Porque o Bias Bueno...” Totalmente obcecado pela politica e pela palavra “marnel”. Tito só vê hoje no mundo marneis_ e pauis, charcos, lodo, lama, atascais, sentinas, cloacas, chafurdeiros, e até em sonho atola-se em tudo isso. Veja no *Minarete* os artigos de Martinho Dias, que é o Tito literario.

E o Lino anda obcecado pelo Euclides da Cunha. Durante toda a nossa estada em Santos só me deu Euclides_ a mim que só queria siris e agua salgada. Determinou esse estado d'alma um ditirambo sobre o academico saído no *Onze de Agosto*.

E por falar: esse jornal abriu um concurso de contos. Vim a saber disso tarde, sem tempo de te avisar. Concorri. Os juizes são um Silvio de Almeida e um Amadeu Amaral. Se me derem o premio, suprimirei o “um” a ambos: em caso contrario, passarão a ser “um tal” Amadeu, um tal Silvio.

Ricardo traduziu o primeiro ato do *Cyrano de Bergerac*. Bateu o Rostand longe. Ah, se ele leva a obra até o fim!... Mas não creio. Ricardo não tem folego. Acho-o bem melhor dos nervos agora. Mais ordeiro, mais reconciliado com a vida. Já deixou aquela republica da rua General Osorio, onde morava com o Raul, o Tito e outro. Que republica, meu Deus! Ricardo entrava de madrugada e metia o pé na porta. Mais simples arromba-la do que tirar a chave do bolso. E o Edgard Jordão fez o mesmo, uma noite em que apareceu por lá “acompanhado” apesar de não ser cidadão dali. Por fim dormiu lá uma noite o Tito Franco, e disso veio a derrocada final da já vacilante republica. Tito Franco é essencialmente porco, como o Brasil é

essencialmente agricola. Tresanda como toda uma tribu de hotentotes. O ultimo banho que tomou foi ás mãos da parteira. É um tipo chato, atarracado, sem pescoço, inteligentissimo, mas com idiosincrasia pela agua. Levou a sujeira ao epico. É o Carlos Magno da gafeira. Uma só vez dormiu lá, mas foi o suficiente para impregnar a republica de tal cheiro que o remedio foi entregarem as chaves á Saude Publica. Dizem que nessa noite o outro Tito, o nosso, passou acordado até á madrugada, preparando o discurso para a sessão do clube Onze de Agosto. E que passeava de lá para cá, de tiras em punho, com paradas diante do intruso semi-bebado espapaçado no chão: “É preciso tomar banho, Tito Franco!” E este: “Boa piada! Boa piada!”.

O Nogueira progride, assenta as ideias, descasca-se, começa a aceitar a civilização e o positivismo; já encostou a metafisica e agora filosofa com Spencer. Mais uns meses, e está mandando fazer roupas no Carnicelli. O Raul continua Mario a chorar sobre as ruinas de Cartago. A Cartago do Raul é o Cenaculo.

Vou mandar *Roman Brésilien*, de Adrien Delpech. Bem bom.

LOBATO